

OS INSTRUMENTOS DA RADIESTESIA

Os iniciadores na radiestesia, esta arte de captar radiações de seres e objetos ou de obter informações escondidas, dispõem de dois instrumentos milenares à sua prática: a varinha e o pêndulo. O seu conhecimento e perfeito domínio são indispensáveis às manifestações do potencial do operador, bem como à pesquisa das respostas recebidas. Em função disso, nas últimas décadas criaram-se vários acessórios e modernos aparelhos que permitem constatar a investigação radiestésica.

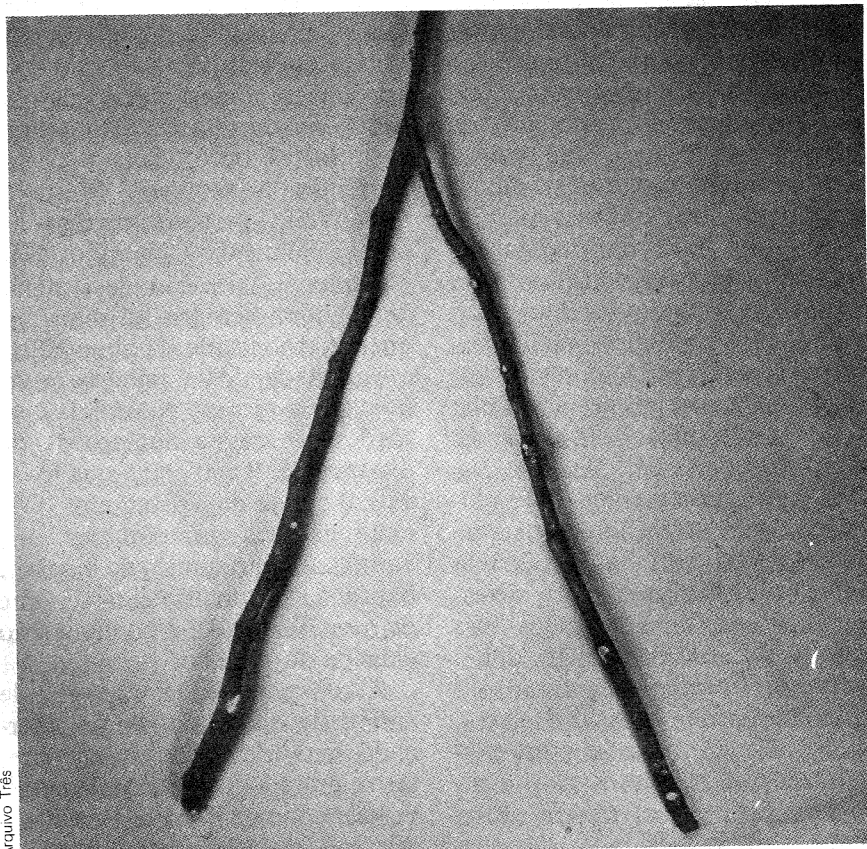
O leitor desprevenido, que não leu Radiestesia – I Teoria e Prática (Planeta nº 145-C), pode surpreender-se com o fato de, por meio de instrumentos tão simples e pouco científicos como a varinha e o pêndulo, ser possível, por exemplo, detectar águas ou jazidas minerais e até diagnosticar doenças. Como já foi ressaltado anteriormente, é a *ação mental* do operador – e não os instrumentos que ele utiliza – a principal responsável pela produção de fenômenos radiestésicos. O pêndulo e a varinha são apenas amplificadores de reflexos neuromusculares inconscientes produzidos pelas mãos do operador, os quais revelam a existência ou características de um objeto pesquisado qualquer.

O pêndulo e a varinha sempre foram os instrumentos essenciais e básicos, primeiro do rbdomante e, por fim, do radiestesista. Produtos de um empirismo secular, eles têm justamente o mérito de serem simples. Durante toda a sua história não receberam aperfeiçoamentos extraordinários, embora muitos operadores tenham, de acordo com suas conveniências pessoais, incorporado a eles diversos artefatos. No entanto, as modificações ou aperfeiçoamentos introduzidos nesses instrumentos não representam propriamente um progresso. A. Lusy, autor de *La Radiesthésie Moderne*: Théo-

rie et Pratique complètement Expliquées, observa que, a despeito de todas as invenções pseudocientíficas de que foram dotados – algumas inclusive úteis –, os resultados das buscas radiestésicas praticadas em nossos dias não são nem melhores nem piores do que aquelas realizadas nos tempos do barão de Beausoleil e de sua espo-

sa Martine Bertereau, no início do século 17.

Esses dois principais instrumentos dos radiestesistas, empregados para captar as radiações dos objetos, podem ser usados alternativamente. Em geral, a varinha é considerada um excelente instrumento de exploração externa: em prospecção de águas, de minerais,



Vara de aveleira, preferida por sua maleabilidade e resistência.

Arquivo Três

INTRODUÇÃO À PRÁTICA

etc. Já o pêndulo é mais indicado para operações de laboratório, pois estas exigem maior precisão. Contudo, tanto o pêndulo quanto a varinha podem ser usados em um e outro caso sem nenhum inconveniente. Apesar de ser comum desenvolver-se uma maior aptidão por um deles, convém habituar-se a trabalhar com os dois, até, pelo menos, que uma preferência possa ser definida.

Para A. Lusy, o operador que se serve indistintamente da varinha ou do pêndulo encontra-se em uma situação análoga à do músico que toca vários instrumentos, e por isso mesmo precisa conhecer várias digitações diferentes, o que não diminui o seu valor, mas, ao contrário, aumenta seu virtuosismo.

Esta, porém, não é a opinião de todos. Existem os partidários da varinha e os do pêndulo. Os adeptos da varinha justificam sua preferência pelos seguintes motivos: a varinha não obedece a quaisquer influências; não se move acidentalmente em virtude dos movimentos do ar; suporta uma caminhada a pé ou uma locomoção em carro sem agitar-se; seus movimentos de rotação para frente e para trás e a enorme amplificação dos reflexos que proporciona com sua resistência e elasticidade dão indicações precisas, cuja interpretação é mais fácil do que as do pêndulo, com suas oscilações e giros vacilantes.

Já os pendulistas, por sua vez, consideram o seguinte: a varinha pode dar indicações suspeitas, pois se encontra em estado de instabilidade permanente, movendo-se à menor contração nervosa; ao contrário da varinha, o pêndulo não produz fadiga e tem a vantagem de deixar uma das mãos livre para sustentar um objeto útil à operação ou servir de antena; só o pêndulo permite praticar a telerradiestesia; mesmo sendo muito móvel, seus movimentos são facilmente distinguíveis e, por serem mais numerosos que os da varinha, facilitam as interpretações

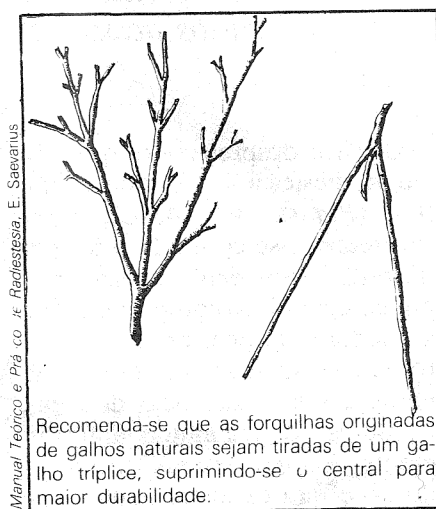
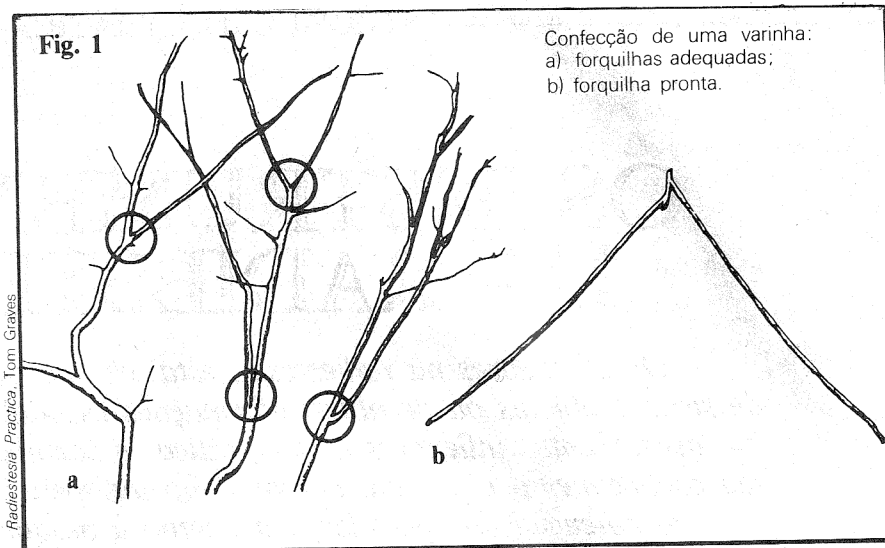
para um número maior de casos.

Embora o emprego de um desses instrumentos não seja indiferente, também não altera os resultados. Aliás, pode-se obter um melhor controle da pesquisa com o emprego alternado de ambos, dependendo, é claro, da prática do operador.

Varinha: da forquilha ao talo metálico

O barão de Beausoleil, em 1630, utilizava sete tipos de varinhas metálicas, cada uma das quais possuindo em sua ponta um símbolo astrológico representando os planetas em sua relação com os metais: Sol — ouro; Lua — prata; Mercúrio — azougue; Marte — ferro; Vênus — cobre; Júpiter — estanho; Saturno — chumbo. Não obstante, a utilização de varinhas de madeira sempre foi mais frequente em virtude da abundância e variedade dessa matéria-prima no campo, terreno natural de operações de grande número de radiestesistas. Rompendo essa tradição, o conde de Tristan, em 1820, emprega pela primeira vez uma varinha de barbatanas de baleia, e batiza o instrumento com o nome de *forquilha*, que é a configuração clássica da varinha.

Atualmente existe uma grande variedade de varinhas no mercado, feitas de metais como cobre, ferro, prata e ligas, ou ainda de diversas cores e formas variáveis. Alguns praticantes as dotaram de diversos acessórios: bússolas,



séries de agulhas imantadas móveis, ímãs, bobinas e rolos de fio metálico, contrapesos, esferas e outros artefatos que mais obedecem a fantasias empíricas ou astúcias comerciais do que a razões científicas, como observa A. Lusy. É preferível, portanto, escolher as mais simples.

Com menos frequência, alguns utilizam varinhas em forma de T: um talo metálico único, montado perpendicularmente no centro de outra varinha reta de madeira, cujos extremos são sustentados pelas mãos do operador. Outros, ainda, usam uma simples varinha reta de madeira — um pequeno bastão de 70 a 80 cm de comprimento, aproximadamente, colocado em equilíbrio sobre os indicadores.

A. Lusy explica que a configuração clássica da varinha em forquilha pode ser vista como resultado de práticas religiosas, já que uma das atitudes instintivas mais



Andando lentamente sobre o terreno, o vedor interpreta o movimento da varinha segundo sua convenção mental.



comuns da oração ou meditação é unir as mãos, pondo em contato as pontas dos dedos e conservando as palmas um pouco separadas. Durante o profundo e fervoroso apelo a Deus ou aos deuses, os dedos se convertem em sede de estremecimentos e os braços sentem uma espécie de impulso que os eleva. O fiel pode considerar tais reflexos como indícios de uma intensa emoção religiosa, sinal de que a divindade o escutou e compreendeu. É possível que o gesto das mãos unidas fosse também o dos primeiros radiestesistas que invocavam uma divindade especial para achar com mais segurança o objeto de suas buscas.

Por outro lado, a descoberta das propriedades da varinha deve ter sido ao acaso, como tantas outras. Sua utilização, fórmulas e procedimentos foram transmitidos, como arte secreta, oralmente. No decorrer dos séculos esses pro-

cedimentos foram desvirtuados e impregnados de um espírito supersticioso que invocava ora a Deus ora ao diabo: o corte do galho devia efetuar-se em épocas e horas bem determinadas e durante certas fases da Lua, com cerimônias de invocações e fórmulas regulamentadas.

Flexibilidade e resistência

A varinha ou forquilha consiste de duas hastes ou ramos flexíveis unidos nas extremidades, tendo a forma de Y ou V. Pode ser confeccionada com madeira, aço, metal, substâncias plásticas e outros materiais flexíveis.

As varinhas dos primeiros rabinomantes eram tiradas diretamente das árvores, e a utilização de diferentes madeiras levou-os a dar preferência à aveleira comum, por causa de sua elasticidade, maleabilidade e resistência. Porém todas as madeiras podem servir para construir varinhas, com exceção das resinosas e dos sambucus, que são muito rígidos e não adquirem as curvaturas adequadas quando sustentados nas mãos.

Para fazer uma varinha de madeira recomenda-se buscar uma forquilha em forma de Y, de uma madeira flexível e resistente (pessegueiro, marmeleiro, nogueira, etc.), com os braços ou hastes de aproximadamente 30 a 35 cm, e espessura de 3 a 6 mm. Corte-a de modo a deixar uns 4 cm de ponta na sua junção, tendo o cuidado

para não prejudicar o arbusto mais do que o necessário. Arranque os espinhos e as folhas. (Ver Fig. 1.)

As varinhas de galhos de árvores são consideradas *neutras*, pois sua complexa composição química contém múltiplas substâncias. Em seu estado verde cumprem com perfeição as condições exigidas pelos operadores, que, entretanto, desaparecem quando a madeira seca — flexibilidade e solidez. Mesmo as de melhor qualidade não duram mais que uns poucos dias. Atualmente é rara a utilização dessas varinhas. Com razão, a procura maior é pelas varinhas fabricadas de madeira, metal, plástico ou de barbatanas de baleia; esta última é preferida em nossos dias por numerosos operadores. Tais varinhas apresentam as vantagens de terem duração indefinida, formas regulares, melhor equilíbrio, e de existirem em diferentes dimensões, o que permite a cada operador escolher a mais conveniente.

As varinhas podem ser confeccionadas unindo-se dois galhos ou hastes, atados na extremidade por um fio de metal ou de outro material. Atualmente as varinhas não-metálicas são feitas dessa forma. Existem também varinhas de arame de aço ou de cobre, enrolado em espiral, como as dos americanos, cujas extremidades são fixadas num pedaço de madeira ou de cortiça. Ou, ainda, de qualquer outro material, inclusive madeira,

INTRODUÇÃO À PRÁTICA

em cujos braços se introduz um enrolamento de arame. (Ver Fig. 2.)

A posição correta

A maneira de segurar a varinha é mais uma questão de comodidade, de facilidade de manobra, que pode variar de pessoa para pessoa. Muito já se escreveu sobre o assunto e as opiniões a respeito são divergentes.

De maneira geral, segura-se a varinha como mostram as figuras 3, 4 e 5, seguindo as seguintes instruções:

a) Primeiro segure em cada mão uma das hastes da varinha, pegando-as apenas com os dedos; com as palmas das mãos abertas e voltadas para cima, mantenha a varinha em posição horizontal, conservando a ponta ligeiramente levantada (à altura do plexo solar), como mostra a figura 3.

b) Em seguida, feche as mãos de modo que a varinha fique na posição indicada na figura 4.

c) Aproxime levemente as mãos, como indica a figura 5, para aumentar a flexão das hastes.

Pronto: a varinha, assim tensa, está em posição de trabalho, apta para voltar-se automaticamente para cima ou para baixo ao menor impulso que se lhe imprima. É uma posição de equilíbrio instável, que se quebra ao menor reflexo neuromuscular das mãos do operador.

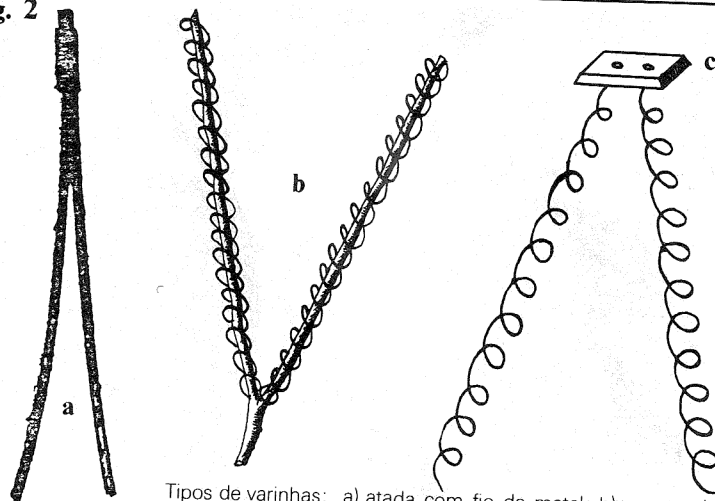
Alguns conselhos: deve-se segurar a varinha levemente, pois não será uma grande força que a fará girar; convém não crisar as mãos; experimente movimentos de vaivém até reconhecer a posição mais favorável; as extremidades da varinha podem sair alguns centímetros das mãos.

Qualquer que seja a maneira de segurar a varinha, esta deve estar sempre na posição horizontal, com as mãos e os antebraços também em posição horizontal, e os cotovelos unidos ao corpo, à altura das ancas, no momento em que se inicia a prospecção. O ra-

diestesista deve andar lentamente sobre o terreno. Ao passar por um ponto de água ou qualquer outro objeto de pesquisa, a varinha pode levantar-se ou abaixar-se, e isso é indício da probabilidade de existência daquilo que se busca. O sentido de movimento é resultado da convenção mental adotada consciente ou inconscientemente pelo operador consigo mesmo.

A amplitude dos movimentos da forquilha varia de acordo com o grau de sensibilidade do radies-

Fig. 2



Tipos de varinhas: a) atada com fio de metal; b) com enrolamento de arame nos braços e c) arame em espiral fixo em cortiça ou madeira.

Fig. 3

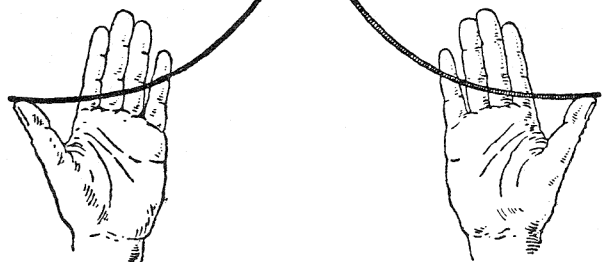


Fig. 4

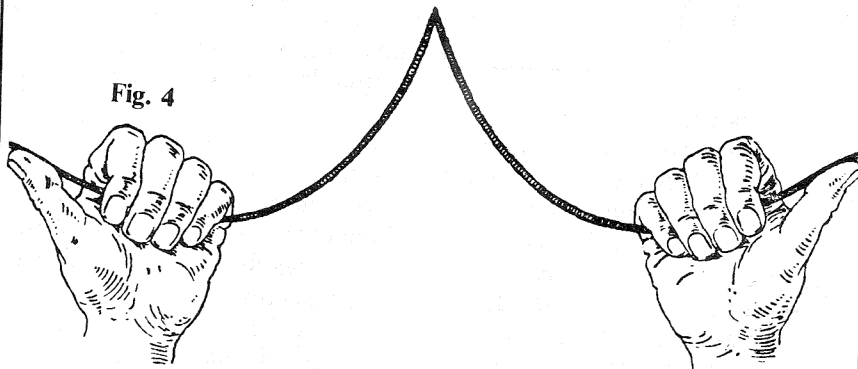
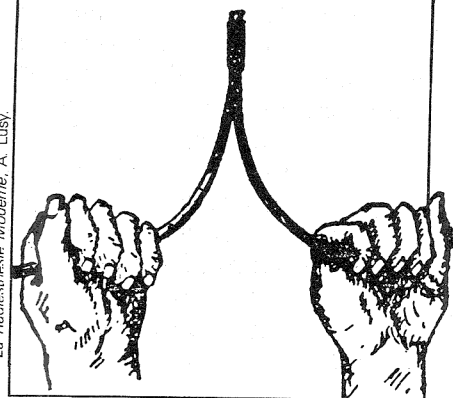
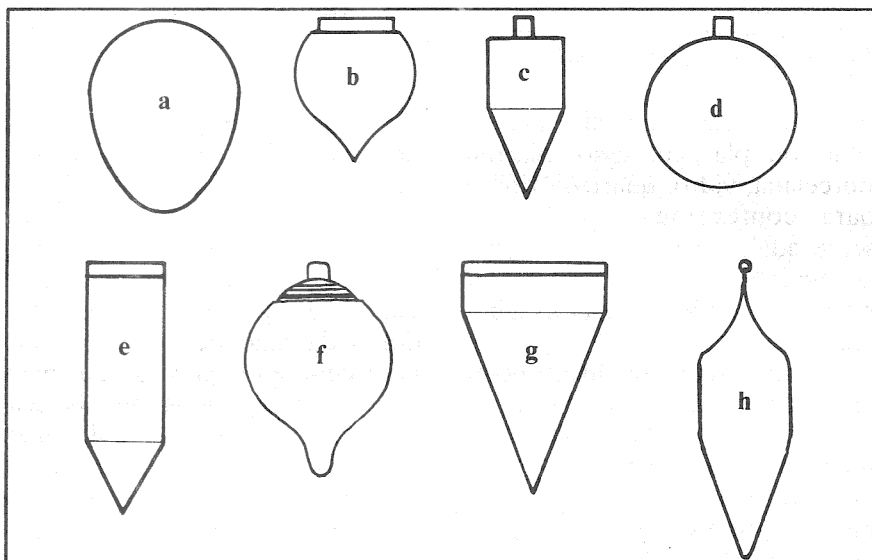
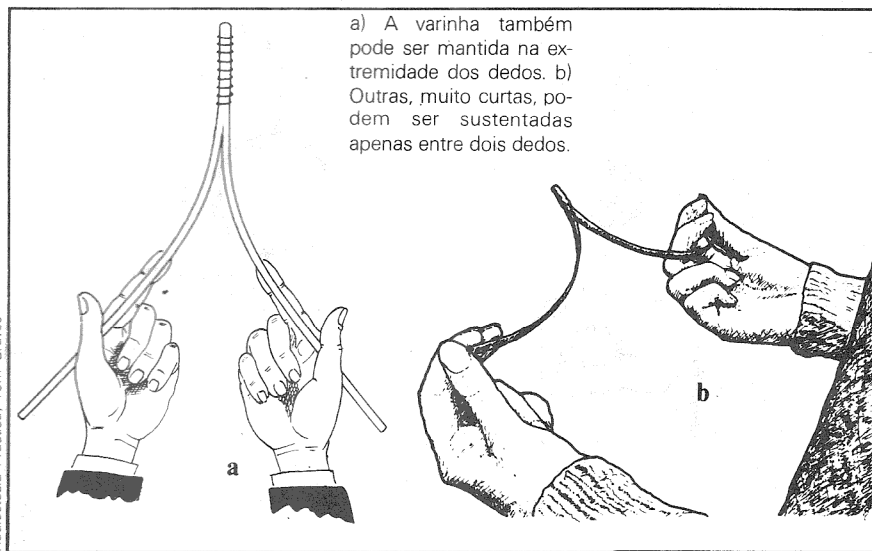


Fig. 5





Os principais tipos de pêndulos: a) Modelo ovóide maciço, construído em madeira e suspenso por fio de macramê. Alta sensibilidade, útil para treinamento e desenvolvimento. b) Modelo pêra com cavidade para testemunho, construído em metal. Útil para trabalhos de campo e uso geral. c) Modelo prumo maciço, construído em ferro. Útil para localização de água e metais paramagnéticos. d) Modelo esférico maciço, construído em pedra de afiar (esmeril). Útil para pesquisas de substâncias químicas. e) Modelo prumo com cavidade para testemunho, construído em metal. Útil para trabalhos de campo e uso geral. f) Modelo pião com cavidade para testemunho, construído em metal. Este modelo era utilizado pelo abade Mermet para trabalhos de campo e uso geral. g) Modelo cônico com cavidade para testemunho, construído em material isolante (e-bonite). Alta sensibilidade e útil para diagnósticos. h) Modelo prumo contendo metal de mercúrio, construído em vidro transparente. Útil para trabalhos em agronomia, avaliar Q.I. e detectar memória cármica.

Cortesia da Casa Frelim

tesista. Tais movimentos, mais ou menos bruscos, rotatórios, vão desde a meia-volta até uma volta completa ou mesmo várias voltas.

Todos os movimentos do instrumento, até os mais desordenados, sempre têm uma causa, inconsciente ou resultado de percepções sensoriais diretas. O operador principiante deve observar com muita atenção todas as mudanças de posição de seu instrumento, que às vezes pode ser atraído simplesmente pela ação da gravidade.

Além disso, existem no mercado varinhas metálicas de grande elasticidade e que giram sobre qualquer coisa; se o principiante as emprega descuidadamente, pode ficar com a errônea impressão de já ser um exímio radiestesista.

Pêndulo: as reações do inconsciente

Assim o dicionário *Webster* define pêndulo: "Um corpo suspenso por uma extremidade fixa,

de modo a poder ir e vir livremente sob a ação da gravidade, comumente usado como regulador dos movimentos de certos relógios e outros mecanismos." Sua propriedade fundamental é situar-se na posição vertical sob a ação da gravidade. Feito para oscilar, quando se afasta da vertical tende a voltar a ela, descrevendo oscilações.

Convém distinguir o pêndulo sujeito às leis da física e da mecânica, que descreve oscilações rítmicas, como o dos antigos relógios de parede, do pêndulo usado na radiestesia, cujos movimentos não obedecem senão aos ritmos psíquicos e psicofisiológicos sob comando do inconsciente.

O pêndulo empregado em radiestesia tem uma origem milenar. Conforme já tivemos oportunidade mencionar, os chineses o conheciam há mais de 2.000 anos a.C. Seu uso foi aparentemente abandonado durante vários séculos, até que, em 1798, um professor da Faculdade de Medicina de Estrasburgo, Antoine Gerboin, voltou a reconhecer suas propriedades, realizando experiências com esferas ou cilindros suspensos por um fio de cânhamo. Este método foi adotado em 1801 por Albert Fortis e, posteriormente, por Chevreul, que utilizou um anel de ferro em seus experimentos.

Equilíbrio e simetria

O abade Mermet reabilitou o uso do instrumento usando, no início de sua carreira, o seu relógio como pêndulo e, mais tarde, criando um modelo em forma de pêra que abrigava em seu interior o "testemunho" do objeto buscado. Desde então todos os radiestesistas de renome criaram pêndulos de acordo com seus gostos e conveniências. Atualmente existe no mercado uma enorme variedade de modelos, cujo número ultrapassa os quatro mil.

Normalmente se diz que se pode fazer pêndulos com cristal, aliança de casamento, agulha e rolinha, botão, etc., o que não significa que qualquer coisa seja realmente boa para produzir um bom pêndulo.

INTRODUÇÃO À PRÁTICA

dulo. A qualidade essencial a um pêndulo é ser bem equilibrado. E para isso é necessário escolher a forma, o material e o fio de suspensão adequados à construção do pêndulo, pois destes depende a pureza e regularidade de seus movimentos.

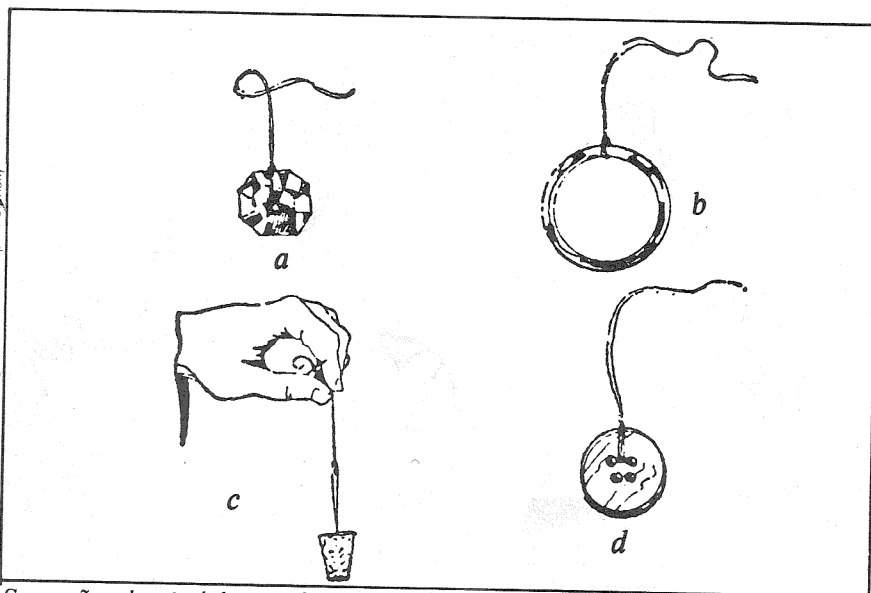
Por diversas razões, normalmente subjetivas, construíram-se pêndulos de múltiplas formas: cilíndricas, cônicas, cilíndrico-cônicas, ovóides, esféricas, biesféricas, uma pequena esfera sobre outra maior e vice-versa, etc. A forma esférica parece ser a melhor, por apresentar a vantagem de ser menos sujeita ao vento, e alguns radiestesistas aconselham ter em sua parte inferior uma pequena ponta saliente para indicar o ponto exato acusado pelo instrumento. Porém, a maioria dos radiestesistas usa a forma cilíndrica por causa de sua precisão.

Seja qual for a forma, acima de tudo é vital que ela seja simétrica. Deve-se lembrar que não é a forma que aumenta a sensibilidade do radiestesista, mas sim o seu exercício e prática.

A suspensão do pêndulo é de grande importância para se obter um bom equilíbrio do instrumento. O fabricante deve escolher um fio (que pode ser de linha, cânhamo, náilon, barbante, etc.) ou uma correntinha metálica muito flexível. Estes devem passar exatamente pelo centro de gravidade do pêndulo. Quanto ao seu comprimento, não deve ser nem muito longo (o que tornaria o movimento do pêndulo lento e penoso) nem muito curto (o que provocaria uma excessiva mobilidade no instrumento, dificultando a interpretação). Recomenda-se que o comprimento total, incluindo pêndulo e fio de suspensão, seja de 15 a 20 cm.

Os materiais mais adequados para o pêndulo são os metais duros (ouro, prata, níquel, cobalto, cromo, estanho, cobre, bronze, chumbo ou ligas combinadas), as madeiras duras e as substâncias ti-

O Poder dos Pêndulos, Greg Nielsen & Joseph Polansky



Sugestões de pêndulos confeccionados com objetos da vida diária: a) Cristal. b) Aliança. c) Agulha e rolha. d) Botão.

das como neutras (ebonite, poliestireno ou plástico, osso, marfim, porcelana, vidro, quartzo). Enfim, para confeccionar o pêndulo, serve qualquer matéria que tenha as seguintes qualidades físicas: dureza, densidade e indeformabilidade.

As proporções do instrumento têm importância relativa, e seu peso pode variar de 5 a 40g, conforme o material de que é feito e as finalidades visadas. Alguns operadores preferem pêndulos pesados, de até 200 g, considerando-os mais estáveis para prospecções externas.

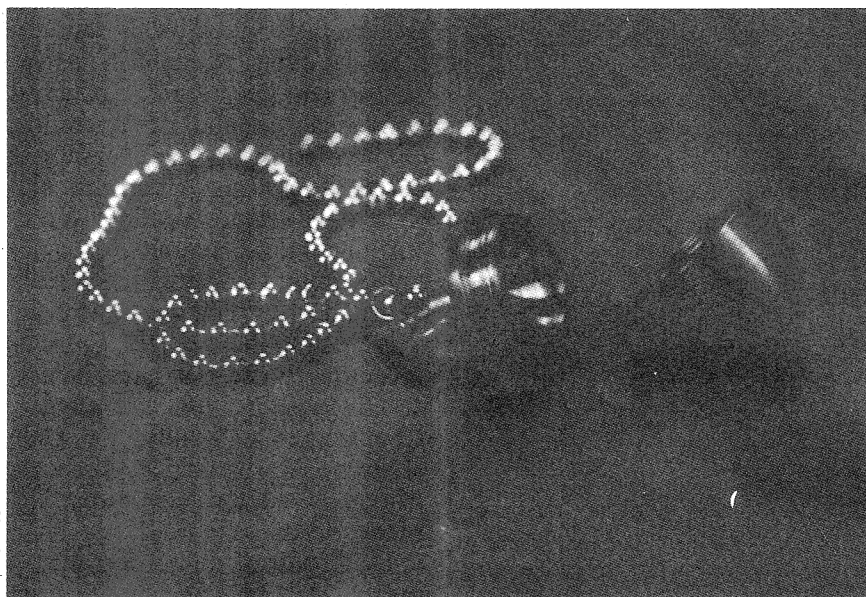
Os ajustes para a interpretação

Muitos praticantes incluíram na construção de seus pêndulos diversas substâncias para torná-los mais neutros. A. Lusy observa que o valor desses instrumentos complexos é meramente sugestivo: não são nem melhores nem piores que os pêndulos mais simples. Além disso, este autor considera que a cor do pêndulo não exerce influência alguma. Entretanto, há quem recomende que, podendo escolher, as cores dos pêndulos devem ser neutras ou, pelo menos, frias: preta, branca, azul e verde. Seja como for, é sempre mais recomendável, como no caso das varinhas, escolher os pêndulos mais simples.

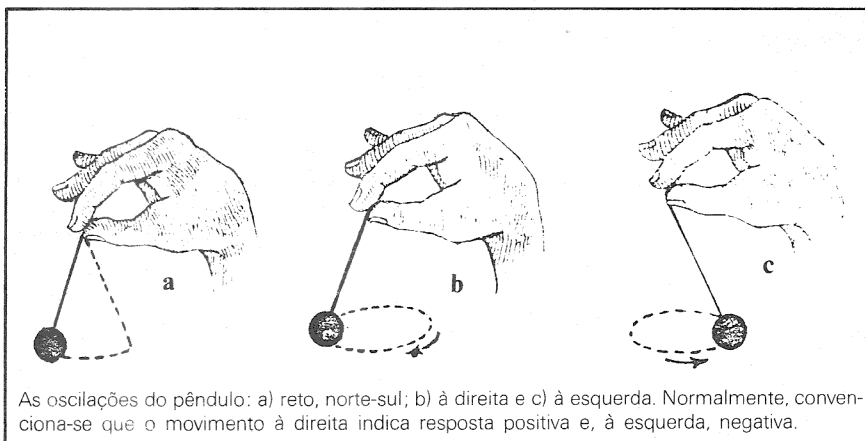
Há várias maneiras de segurar o pêndulo. Um bom método consiste em segurá-lo com a mão direita (se o principiante for destro) ou esquerda (se for canhoto), apertando o cordão ou a corrente com o polegar e o indicador. O dorso da mão deve estar virado para cima e os outros dedos mais ou menos fechados ou abertos, numa posição bem natural. Ou se segura o fio de suspensão em sua extremidade ou se guarda o restante no côncavo da mão.

Quando se opera de pé, o braço que o sustém deve ficar um pouco separado do corpo; quando se opera sentado, sobre documentos, não há inconveniente em colocar o cotovelo sobre a mesa, caso a busca seja prolongada, embora se recomende deixar o braço um pouco suspenso, sem tocá-la, para não diminuir a intensidade dos reflexos.

No uso do pêndulo, sobretudo o principiante, deve-se providenciar, antes de mais nada, a regulação do comprimento do fio, isto é, estabelecer o ponto certo em que deverá permanecer suspenso. Para isso o operador deve fazer exercícios até achar o seu ponto. Um dos exercícios indicados consiste em colocar-se num estado de receptividade, segurando o pêndulo com o fio bem curto sobre o dorso da mão esquerda (se for destro) ou da direita (se for canhoto). Paulatinamente, deve-se soltar pe-



Pêndulo com compartimento destinado à colocação do testemunho.



As oscilações do pêndulo: a) reto, norte-sul; b) à direita e c) à esquerda. Normalmente, conveniona-se que o movimento à direita indica resposta positiva e, à esquerda, negativa.

quenos comprimentos de fio, quase que escorregando a mão sobre ele, até que o pêndulo se movimente.

O pêndulo parte sempre de um estado de repouso para, aos poucos, começar a se movimentar. Tais movimentos, emitidos pelo inconsciente do operador através de reflexos nervosos imperceptíveis, são de início retos, direção norte-sul, em oscilações ou balanços; estes adquirem gradualmente formas elípticas, transformando-se em formas circulares — rotações à direita ou à esquerda — que atingem um máximo de nitidez, para novamente voltarem ao estado de repouso, por força da gravidade. No caso do exercício de regulação do fio, as rotações atingem o máximo de nitidez no ponto do comprimento ideal do mesmo. Depois de marcar este ponto com um nó, o principiante pode consi-

derar o seu pêndulo regulado.

Se o principiante não verificar nenhum movimento no pêndulo ou, ainda, encontrar-se cansado ou com a capacidade de percepção bloqueada, torna-se necessário exercitar-se com mais assiduidade (duas vezes ao dia, no máximo durante quinze minutos). Geralmente o pêndulo não se movimenta na primeira tentativa e, por isso, é bom não desanimar, pois a paciência e a vontade sempre conduzem ao êxito.

Alguns autores recomendam modificar a regulação do pêndulo para cada caso de pesquisa, mas A. Lusy, por seu lado, considera essa complicação totalmente inútil e prejudicial ao automatismo manual correspondente ao uso de um instrumento, o qual deve ser sempre idêntico.

Embora os radiestesistas mais experientes prescindam da regula-

gem do pêndulo, esta é necessária e útil ao principiante a fim de incliná-lo ao trabalho de maior precisão. Aconselha-se utilizar sempre o mesmo instrumento, e sempre da mesma maneira, tanto por questão de experiência quanto por razões sentimentais. É interessante também ter um segundo pêndulo em duplicata, idêntico, com as mesmas características, para o caso de extravio do primeiro, ou simplesmente para uso em consultório.

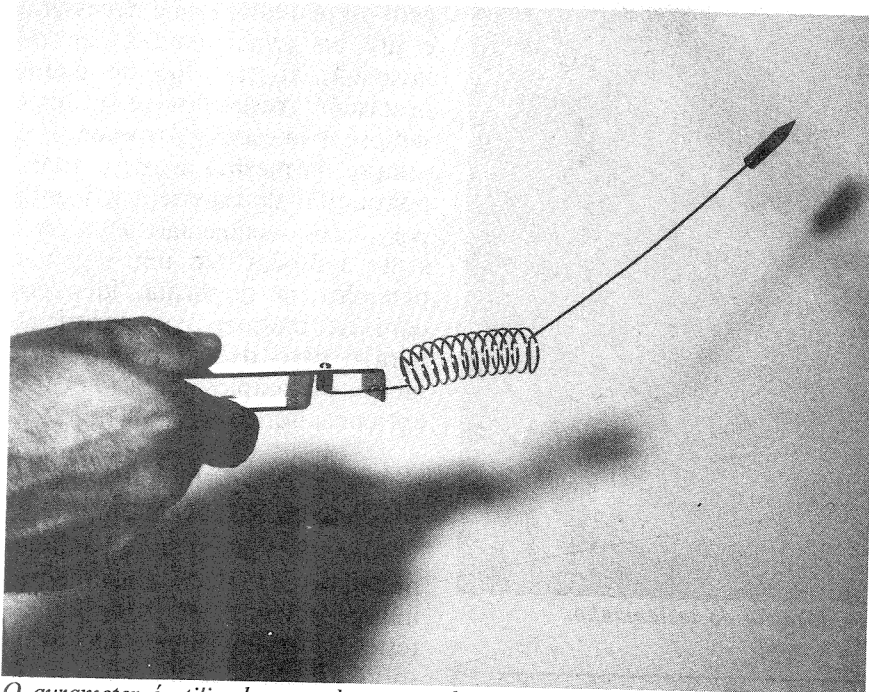
A busca pelo testemunho

Além da varinha e do pêndulo, principais e únicos instrumentos indispensáveis ao trabalho radiestésico, existem numerosos acessórios, destinados a ajudar o radiestesista em suas investigações. Entre estes, o mais importante e mais útil é o *testemunho* — objeto de natureza idêntica àquele que se busca.

O emprego dos testemunhos não é recente, pois, já no século 17, os radiestesistas o utilizavam secretamente. Em 1657 o padre jesuíta Gaspar Schott foi o primeiro a revelar suas práticas radiestésicas com testemunhos. A partir daí, o emprego de testemunhos generalizou-se, a ponto de muitos operadores terem realizado prodígios de imaginação para criar pêndulos e varinhas com testemunhos incorporados, como observa Michel Moine em seu *Guide de la Radiesthésie*.

O testemunho é uma espécie de símbolo que serve para concentrar a atenção do radiestesista. Para alguns seu valor é subjetivo, para outros é necessário para estabelecer sintonia com o objeto buscado. De qualquer forma, ele é muito útil e facilita a investigação, principalmente para o principiante. Assim, para localizar uma pessoa desaparecida, usa-se um testemunho da mesma: uma fotografia, uma mecha de seus cabelos ou uma peça de roupa de seu uso pessoal, entre outras coisas. O mesmo vale para se fazer um diagnóstico a distância.

Costuma-se colocar o testemunho em uma das mãos, enquanto a



O aurameter é utilizado para detectar a densidade da aura humana.

outra segura o pêndulo. No caso da varinha, em uma ou outra mão, ele deverá ficar encostado a uma das hastes do instrumento. Existem também pêndulos ocios, com compartimento para abrigar amostras da matéria que deverá servir de testemunho.

Alguns radiestesistas dispensam os testemunhos, substituindo-os por uma imagem mental do objeto procurado, ou ainda pensando intensamente nele. Os testemunhos também podem ser substituídos por equivalentes, como, por exemplo, certas cores portadoras das mesmas vibrações que o objeto procurado. Esta, aliás, é uma das aplicações da cromo-radiestesia, um novo ramo da radiestesia que vem ganhando terreno nos últimos tempos.

Os modernos aparelhos

O arsenal básico do radiestesista é pequeno, constituindo-se de varinha, pêndulo, mesa, mapas ou placas anatômicas humanas ou de animais — dependendo da área em que se especialize —, tecido ou papel celofane de várias cores, quando se dedica à cromo-radiestesia. São de utilidade a bússola, para orientação, sobretudo na prospecção de água, e as ré-



Pêndulo com circuito eletrônico.

guas graduadas e os transferidores, destinados às diversas medições. Na régua graduada, por exemplo, coloca-se um testemunho; em seguida, percorre-se esta régua com o pêndulo até o momento em que ele reagir; a cifra encontrada corresponde, segundo os métodos próprios de uma investigação médica, a um grau de vitalidade, uma enfermidade ou um micróbio. Tais acessórios são usados indistintamente por mentalistas e físicos.

Além desses, existem os aparelhos engenhosos e sofisticados, fruto

da faculdade inventiva de seus autores, os quais, na maioria das vezes, servem apenas para facilitar a convenção mental do operador. Os radiestesistas de tendência física que utilizam a corrente elétrica ou qualquer produto radiativo inventaram aparelhos que denominaram de "amplificadores", destinados a isolar certas "radiações" e amplificar outras. Entre os inventores desse gênero destacam-se Brochenin, Belizar, Beasse, Chouteau, De Bondy, Le Gall, Heimme, dr. Leprince, Lesourd, Maury, Oudotte, Servranx, Turrenne e Voillaune.

Dois outros modernos instrumentos de radiestesia muito utilizados, dependendo da sensibilidade do operador, são o *dualrod* e o *aurameter*. O *dualrod* consiste de um par de varinhas que se abrem, se movem de forma paralela e se cruzam, utilizado para detectar fluxo de energia etérica em pessoas e objetos, e, no campo, para localizar água e minério no subsolo. Já o *aurameter*, instrumento inventado por Verne Csmeron, tem por objetivo detectar a densidade da aura humana, sendo também empregado na localização de metais, minérios e objetos perdidos.

Diversos radiestesistas utilizam a energia das pirâmides para fazer diagnóstico e tratamento de pessoas e animais, inclusive através de instrumentos da psicotrônica — disciplina que emprega a ciência da eletrônica na constatação de fenômenos psíquicos.

Existem, ainda, aparelhos realmente científicos, aos quais se pode recorrer para comprovar determinadas prospecções. São aparelhos automáticos, de medição e controle, que não estão submetidos à sensibilidade humana e nada têm a ver com a radiestesia, como o *eletrômetro*, o *schlumberger*, o *aparelho de Wust e Wendler*, a *balança de Eotvos*. De preço muito elevado e manejo difícil, podem, a quem souber utilizá-los, servir para medir variações do campo elétrico da atmosfera, controlar a condutividade elétrica, medir ângulos e assinalar variações da gravidade na presença de uma massa perturbadora.